



# A protologia de Ireneu de Lião como contraponto à protologia gnóstica

The protology of Ireneu of Lyon as a counterpoint  
to the gnostic protology

*Maycon Renan da Silva Santos Boni\**

PUC-PR

Recebido em: 28/11/2025. Aceito em: 22/11/2024.

**Resumo:** *Ireneu de Lião, bispo e doutor da Igreja, é considerado por muitos estudiosos como o primeiro teólogo bíblico e pai da teologia sistemática, pois foi o primeiro a sistematizar a teologia com base na Escritura e na Tradição que recebeu dos apóstolos, como ele mesmo infere. Ireneu construiu seu pensamento e obra, não por mera especulação, mas por ser pastor preocupado com a fé dos seus fiéis. No seu contexto, procurou conhecer a fundo o pensamento sobretudo dos gnósticos a fim de rebatê-lo com o ensinamento que ele recebeu. Desse modo, o presente artigo procura demonstrar o modo como os gnósticos, de um modo geral, compreendiam a criação do mundo, a origem da matéria e do ser humano. Ao mesmo tempo, se apresenta o modo como Ireneu rebate os gnósticos em relação à criação do mundo e do ser humano por Deus, por meio de suas “Duas Mãos”: o Verbo e o Espírito.*

**Palavras-chave:** *Protologia; Ireneu de Lião; gnósticos.*

**Abstract:** *Irenaeus of Lyons, bishop and doctor of the Church, is considered by many scholars to be the first biblical theologian and father of systematic theology, as he was the first to systematize theology based on Scripture and Tradition that he received from the apostles, as he himself infers. Irenaeus built his thought and work, not on mere speculation, but because he was a pastor concerned with the faith of his faithful. In his context, he sought to understand in depth the thought, especially of the Gnostics, in order to counter it with the teaching he received. Thus, this article seeks to demonstrate how the Gnostics, in general, understood the creation of the world, the origin of matter and the human being. At the same time, the way in which Irenaeus responds to the Gnostics in relation*

---

\* Pós-doutor, doutor, mestre e bacharel em teologia pela PUC-PR. Licenciado em filosofia pela PUC-PR. Professor na Graduação em Teologia na PUC-PR – Londrina. Atua como pároco na Diocese de Paranavai.

E-mail: mayconrenan2@hotmail.com.



*to the creation of the world and human beings by God, through his "Two Hands": the Word and the Spirit, is presented.*

**Keywords:** *Protology; Irenaeus of Lyons; gnostics.*

## Introdução

O fenômeno da gnose, segundo estudiosos, explodiu sobretudo no século segundo e terceiro e recebe o nome de gnosticismo. Entre outros pontos, basicamente os gnósticos, principalmente da escola de Valentim, afirmavam que o mundo foi criado por um demiurgo, ou seja, parte decaída de um éon do pleroma.

Segundo eles, a matéria é má, não há positividade no mundo, e o ser humano precisa se salvar através da gnose (conhecimento). De acordo com eles, o ser humano precisa se libertar deste mundo. Desse modo, fica evidente que a protologia gnóstica tem uma conotação negativa, pois não veem bondade neste mundo criado por Deus, diferente do que afirma o livro do Gênesis que assevera que Deus viu que tudo era bom.

Ireneu, bispo de Lião, na França, preocupado com a fé daqueles que lhe foram confiados, procurou estudar, conhecer com afinco o pensamento dos gnósticos, a fim de rebatê-lo. Com isso, Ireneu constrói o seu pensamento e obra, tendo como base, principalmente a Sagrada Escritura e a Tradição dos Apóstolos.

De acordo com Ireneu, Deus, que criou todas as coisas, é uno e único. E ele criou o mundo e o ser humano com as suas "Duas Mãos", a saber: o Verbo e o Espírito. Ireneu, com isso, quer dizer que tudo foi pensado e criado pelo próprio Deus, e assim, a criação é boa. Além disso, para o teólogo de Lião, Deus não se valeu de nada para criar, mas tirou dele mesmo as ideias da criação.

Também Ireneu infere que Deus criou por amor e na liberdade. Deus não é carente, mas quis compartilhar de seus bens, por isso cria todas as coisas e o ser humano que é chamado a viver em comunhão com Deus um dia. Esse ser humano seria visitado pelo Verbo que um dia se encarnaria, e o Verbo daria o Espírito ao ser humano, a fim de que o ser humano um dia participe da vida divina (divinização). Sendo assim, fica claro que a protologia do bispo de Lião é positiva.

No presente artigo, demonstraremos, de um modo geral, a compreensão protológica dos gnósticos, o modo como eles compreendem a



questão da divindade (pleroma), a criação do mundo e do ser humano. Também apresentaremos a protologia de Ireneu de Lião, o modo como ele articula a respeito da criação do mundo e do ser humano por Deus.

## 1 Protologia gnóstica

A criação no gnosticismo era uma doutrina confusa e ao mesmo tempo difícil de entender. Ireneu de Lião, em *Contra as heresias*, apresentou os primeiros ensinamentos dos gnósticos sobre Deus. Esses ensinamentos eram acerca dos Éons que vivem no *Pleroma*, que é uma espécie de morada da divindade. Depois, Ireneu apresentou o modo como os gnósticos pensavam a criação do mundo (Holanda, 2012, p. 45).

Valentino<sup>1</sup> foi o fundador dos Valentinianos e é citado por Ireneu cita que “Valentim é o primeiro a adaptar as doutrinas tiradas da heresia gnóstica ao caráter próprio da sua escola” (Ch I, 11,1). O sistema gnóstico que melhor se pode conhecer, graças até às pormenorizadas confutações

<sup>1</sup> Valentino [ou Valentim] (c. 100-175 d.C.) nasceu no Delta Egípcio, em Phrebonis. Ele usufruiu o privilégio de uma educação grega na vizinha metrópole de Alexandria, a capital mundial da cultura helenista. É provável que, em Alexandria, tenha encontrado o filósofo cristão Basilíades, que lá ensinava, e tenha sido por ele influenciado. Lá também deve ter tido conhecimento com a filosofia grega. Sua familiaridade com o platonismo lhe pode ter advindo pelo estudo da interpretação helenista-judaica da Bíblia, pois numa passagem de um de seus sermões ele parece demonstrar conhecimento de uma obra do grande alegorista e filósofo judeu-alexandrino, Filon Judeu (c. 30 a.C. 45 d.C.). Valentino iniciou sua notável carreira de mestre em Alexandria, onde ensinou entre 117 e 138 d.C. Mais ou menos entre 136 e 140 d.C. Valentino migrou para o grande centro nervoso do império romano, onde assumiu um papel nos negócios eclesiásticos. Ireneu de Lião relata, por volta do ano 180, que Valentino baseava seu sistema teológico, em parte, sobre o mito gnóstico. É difícil detectar a influência de outras seitas ou figuras históricas precisas em Valentino. Mas dada a feição de seu estilo, é difícil imaginar que ele também não tenha entrado em contato com a esotérica literatura hermética do Egito de fala grega. Contudo, muito mais importante – central, de fato – no cristianismo de Valentino é o misticismo: uma aceitação da salvação mediante a *gnósis* (conhecimento) do salvador, o si-mesmo, e deus, brilhantemente exposto em seu sermão “O Evangelho da Verdade”. O fato de optar por dar tal importância a essa abordagem mística da salvação é, portanto, um aspecto principal da revisão da tradição gnóstica feita por Valentino. Chegando em Roma, Valentino começou a desempenhar papel ativo nos negócios da Igreja romana como mestre e líder. Embora Valentino desempenhasse um papel público no ensino e no culto da comunidade cristã, eles aceitavam a formação tradicional romana da crença correta, mas por meio da interpretação alegórica também descobriram nela um sentido “mais profundo”, que foi em parte expresso sob a forma da versão do mito gnóstico dada por Valentino. A carreira pública romana de Valentino terminou provavelmente por volta de 165 d.C., e sua morte está envolta em silêncio (Layton, 2002, p. 259-263).



por parte dos heresiólogos latinos e gregos, é o de Valentino, pois a gnose, segundo ele, “trata-se sob muitos aspectos de uma doutrina fortemente intelectualizada, tanto que já para os antigos essa especulação estava eivada de ecos platônicos” (Moreschini, 2013, p. 53). Parece que os valentinianos entenderam os Éons em analogia com as ideias platônicas; como, aliás, refere Tertuliano, Valentino teria entendido os Éons como pensamentos, afeições e movimentos dentro do ser divino (Moreschini, 2013, p. 53).

No que diz respeito à criação, os valentinianos usam o termo *probolé* para indicar o processo de emanação da realidade primordial, usado também para indicar o ser emanado. Cada emanação conserva a essência do Pai que a emana, mas com uma diminuição sempre crescente, à medida que se afasta de Deus, um conceito contra o qual polemizam, sobretudo, os escritores cristãos. Um papel particular no desenvolvimento do *Pleroma*<sup>2</sup> é desenvolvido pela emanação do Pré-pai, também chamado intelecto. Ele, ao mesmo tempo se chama “Pai” e também “Princípio do todo”, porque nele estão presentes em semente todos os outros éons (Moreschini, 2013, p. 53).

Valentino fez adaptações dos princípios fundamentais da chamada escola gnóstica de pensamento ao seu próprio sistema (Layton, 2002, p. 267). A descrição que chegou até hoje foi por meio de Ireneu de Lião que a expõe de forma sintética. A partir disso é perceptível como se dá para os gnósticos a origem da matéria, do mundo, das coisas e do ser humano (Silva, 2017, p. 71).

### 1.1 A emissão da plenitude original

Segundo Ireneu, os gnósticos afirmavam que existia nas alturas um Éon perfeito, anterior a tudo, que chamavam *Protoprincípio*, *Protopai* e *Abismo*. Esse Éon era incompreensível, invisível, eterno e ingênito, e o mesmo se manteve em profundo repouso e tranquilidade durante uma infinidade de séculos. Junto a esse Éon estava *Enóia*, que os gnósticos também chamavam de *Graça* e *Silêncio*. Um dia, o *Abismo*, isto é, o primeiro Éon teve o pensamento de emitir, dele mesmo, um princípio de

<sup>2</sup> “Termo técnico do gnosticismo, de sentido complexo, designando a totalidade do mundo espiritual em Deus” (Gomes, 1979, p. 133). Também: “Segundo o gnóstico Valentim (séc. II), a totalidade da vida divina plena ou perfeita (Ireneu, *Adv. haer.*, 1, 11, 1)” (Abbagnano, 2000, p. 765).



todas as coisas. Esta emissão oriunda do Éon por meio do pensamento, ele a depositou como semente no seio de sua companheira, o *Silêncio*. A partir do momento em que ela recebeu esta semente, engravidou e gerou o *Nous*, que era também chamado *Unigênito, Pai e Princípio de todas as coisas*. O *Nous* é o único que tem a capacidade para entender a grandeza do Pai. Juntamente com o *Nous* foi gerada a *Verdade*. Esta seria a *Tétrada* pitagórica que os gnósticos chamavam de Raiz de todas as coisas (Ch I, 1,1).

*Tétrada* porque é formada pelos quatro primeiros Éons, isto é, *Abismo, Enoia, Nous e Verdade*. Depois dessas emissões, a partir dos primeiros Éons, continuam as emissões até formar um grande número de Éons que compõe o *Pleroma*, que é a esfera divina. Ao total são trinta Éons, segundo Ireneu de Lião.

O *Unigênito* procriou o *Logos e Zoé, Pai de todos os que viriam* após ele, Princípio e formação de todo *Pleroma*. O *Logos e Zoé*, por sua vez, geraram o *Homem e a Igreja*, e esta seria, portanto, a *Ogdóada* fundamental, Raiz e substância de todas as coisas. De acordo com Ireneu, cada Éon é masculino e feminino. (Ch I, 1,1). Querendo glorificar o Pai com algo de si mesmos fizeram emissões. O *Logos e Zoé*, depois de gerarem o *Homem e a Igreja*, geraram *Abissal e Confusão, Aguératos e União, Autoproduto e Satisfação, Imóvel e Mistura, Unigênito e Felicidade*, que são os dez Éons que dizem derivar do *Logos e Zoé*. Por sua vez, o *Homem e a Igreja* geraram doze Éons: *Consolador e Fé, Paterno e Esperança, Materno e Caridade, Eterno e Compreensão, Eclesiástico e Bem-aventurança, Desejado e Sofia* (Ch I, 1,1).

O que foi exposto até agora diz respeito à emissão da *Plenitude* original que segundo Layton (2002, p. 266), apresenta o seguinte esquema:

#### *I. A Plenitude Original*

##### *A. As profundezas:*

*O INEFÁVEL progenitor não-gerado = SILÊNCIO*

##### *B. Outros éons da plenitude:*

*O PROGENITOR (da totalidade) = VERDADE*

*A PALAVRA = VIDA*

*O SER HUMANO = IGREJA*

*DEZ PODERES, oriundos da Palavra e da vida.*

*DEZ PODERES, oriundos do ser humano e da Igreja, incluindo:*

*A MÃE (Sabedoria).*



Desse modo, está formado o *Pleroma* que é a esfera divina formada por trinta Éons impronunciáveis e não conhecíveis. O *Pleroma* tem sua tríplice divisão: *Ogdôada* (primeiros oito Éons), *Década* (dez Éons gerados pelo *Logos* e *Zoé*) e *Duodécada* (doze Éons gerados pelo *Homem* e a *Igreja*). A teoria dos gnósticos é muito complexa, mas até aqui, é possível perceber como suas teorias eram, ao mesmo tempo, intelectualizadas, mas fugiam completamente da doutrina cristã.

## 1.2 Queda de *Sofia* e origem da matéria

Para a origem do mundo, do ser humano, da matéria tem-se o mito da queda de *Sofia*, o último Éon citado (Silva, 2017, p. 73). Para Moreschini (2013, p. 54), a queda de *Sofia* e a consequente formação do mundo terreno acaba por justificar o Ser supremo em relação a tudo o que nele se encontra de imperfeito. Ficará claro que, com a queda de *Sofia*, Éon pertencente ao *Pleroma*, ou seja, à esfera divina, haverá a origem da matéria, do mundo e do mal (Silva, 2017, p. 73). O próprio Ireneu afirma que: “o último e mais novo Éon da *Duodécada*, gerado pelo *Homem* e a *Igreja*, isto é, *Sofia*, excitou-se grandemente e sofreu a paixão mesmo sem o abraço do cônjuge, o Desejado” (*Ch I*, 2,2).

Ireneu diz que, segundo os gnósticos, o único que podia ver a grandeza do *Protopai* era somente o que nasceu dele, isto é, o *Nous*. O *Nous* podia deleitar-se em vê-lo (*Protopai*) e podia exultar ao contemplar a sua grandeza sem medida, além disso, pensava em fazer participar da grandeza do primeiro Éon também os outros Éons, mas pela vontade do *Pai*, o *Silêncio* o impediu nessa vontade de levar a todos os Éons à compreensão e ao desejo de indagar sobre o seu *Protopai*. Da mesma maneira, todos os Éons desejavam secretamente ver o gerador de sua semente e contemplar aquela que é a sua Raiz sem princípio (*Ch I*, 2,1).

Essa paixão, nascida ao redor do *Nous* e da *Verdade*, propagou-se neste Éon, isto é, *Sofia*, que foi alterada, com aparência de amor, porém, na realidade, de temeridade porque não podia se comunicar ao *Pai* (*Protopai*) perfeito da mesma forma que o *Nous*. A paixão de *Sofia* consistia na procura do *Pai* (*Protopai*). Ela queria compreender sua grandeza, e como não lhe fosse possível pelo fato de prender-se ao impossível, entrou em grande angústia por causa da grandeza do *Abismo*, da imperscrutabilidade do *Pai* e do amor por ele. Ireneu diz que, segundo os gnósticos,



*Sofia*, lançando-se sempre para frente, seria absorvida pela doçura do *Pai* e dissolvida na substância universal, porém foi detida pelo *Limite*.

Segundo Ireneu “o Limite é chamado também *Cruz*, *Redentor*, *Emancipador*, *Delimitador* e *Guia*. E é justamente por meio do *Limite* – dizem eles – que *Sofia* foi purificada e reintegrada na sizígia” (*Ch I*, 2,4). O *Limite* é o Poder que consolida e guarda dos Éons fora da grandeza inefável. *Sofia*, com a ajuda do *Limite*, voltou a si e se convenceu que o *Pai* é incompreensível (*Ch I*, 2,2). Ireneu ainda explica que, segundo eles, fora do *Pleroma* a *Entímese* da *Sofia* superior que foi afastada do *Pleroma* superior por motivo da Paixão, excitava-se, angustiada, nos lugares da escuridão e do vazio e que, para eles era necessário, pois ela foi como que um aborto, uma vez que não recebeu nenhuma forma ou figura. Ireneu diz que ela foi à procura da luz que a abandonara, mas não lhe foi possível alcançá-la, pois o *Limite* a impedia.

*Sofia*, por ter ficado só, fora do *Pleroma*, sucumbiu a vários elementos desta paixão: entristeceu-se porque não conseguiu atingir a luz, teve medo de perder sua vida do mesmo modo que perdeu sua luz, e, além disso, ficou angustiada, pois tudo isso ficaria ignorado. Assim, veio novamente o desejo apaixonado de retornar àquele que a tinha dado vida (Silva, 2017, p. 76).

E como se deu a origem da matéria para os gnósticos? Segundo o teólogo de Lião:

*Esta foi a origem e a essência da matéria – afirmam eles – de que é feito este mundo: da conversão tiveram origem todas as almas do mundo; do Demiurgo, bem como do temor e da tristeza, tudo o resto. Das Lágrimas de Acamot originam-se todas as substâncias úmidas, do sorriso as lúcidas, e da tristeza e do temor os elementos corpóreos do mundo* (*Ch I*, 4,2).

Em *Sofia* ou *Acamot*, como chamam os gnósticos, está a origem da matéria. Da conversão de *Sofia* se deu a origem das almas; do *Demiurgo*, do temor e da tristeza, todas as outras coisas. O *Demiurgo* foi criado por *Sofia*, e é o criador do mundo. E, das lágrimas de *Sofia*, vieram todas as coisas que são úmidas, assim como do sorriso dela às coisas lúcidas, e da tristeza e do temor vieram os elementos corpóreos existentes no mundo. Essa teoria gnóstica será rebatida por Ireneu de Lião que apresentará a doutrina cristã da criação com base na Escritura e na Tradição da Igreja recebida dos Apóstolos.



### 1.3 Origem do ser humano segundo os gnósticos

Para os gnósticos, os seres humanos podem ser divididos em três grupos distintos: os pneumáticos, os psíquicos e os híllicos. Os primeiros (pneumáticos) são salvos plenamente e reunidos ao *Pleroma*, os segundos (psíquicos) apenas em partes, e os terceiros (híllicos) perecem (Drobner, 2008, p. 118).

Segundo o teólogo de Lião, os gnósticos diziam que existiam três elementos: o primeiro proveniente da paixão, e era a matéria; o segundo elemento, gerado da conversão, e era o psíquico. O terceiro elemento, gerado por *Acamot*, era pneumático. *Acamot* se dedicou à formação desses três elementos, porém, não podia formar o elemento pneumático, pois era da mesma substância que a dela.

Então ela se dedicou à formação da substância proveniente da sua conversão, isto é, a psíquica, e produziu, por fora, os ensinamentos do Salvador. Também, antes de tudo, da substância psíquica, *Acamot* formou o Deus, o Pai e o Salvador e Rei de todos os que lhe eram consubstanciais, isto é, os psíquicos que chamam a direita e depois aqueles que derivam da paixão e da matéria, que chamam a esquerda. Também o *Demiurgo* foi formado por ela (*Ch I, 5,1*).

Segundo os gnósticos, o *Demiurgo* se tornou Pai e Deus dos seres exteriores ao *Pleroma*, visto que era o Autor de todos os seres psíquicos e híllicos. Todavia, ele separou estas duas substâncias confusas e de incorporais fê-las corporais; além disso, fez os seres celestes e terrestres e tornou-se *Demiurgo* dos psíquicos e dos híllicos, dos da direita e dos da esquerda, também dos leves e dos pesados, dos que vão para o alto e dos que vão para baixo. Fez também sete céus, sobre os quais está o *Demiurgo* (*Ch I, 5,2*).

No que diz respeito à formação do ser humano, os gnósticos dizem que o *Demiurgo* após ter feito o mundo, do lodo também fez o ser humano. Não tomou a terra seca, mas tomou substância invisível, matéria inconsistente e fluída, e soprrou nela o psíquico. Esse ser humano é feito à imagem e semelhança: quanto à imagem é híllico, próximo a Deus sem ser consubstancial. Quanto à semelhança é psíquico, motivo pelo qual a sua substância é chamada espírito de vida, por derivar do espírito. Finalmente, esse ser humano foi revestido com túnica de pele (*Ch I, 5,6*) e é Adão.



O corpo de Adão, feito de tão qualificado pó, não poderia ser visível e nem carnal, então, os valentinianos lhe atribuíam o mesmo que os ofitas, seus mestres: algo que fosse leve, claro e de maneira espiritual. A alma tem seu corpo. E a *psyche* irracional o seu, um substrato mais que etéreo, de essência infralunar invisível, que a raiz da formação ‘a imagem’ adquire a categoria de *sôma* psíquico. Os gnósticos explicam com a expressão paulina de 1Cor 15,44 a índole do corpo de Adão, plasmado pelos arcontes ou pelo *Demiurgo*. Não é nem pura *psyche* e nem puro *sôma* sem alma, ou estátua de barro. O corpo carnal e visível apareceu mais tarde, a raiz da culpa. Gn 3,21 lhe chamaria ‘túnicas de pele’ (Orbe, 1969, p. 54).

Para os gnósticos, existem três elementos<sup>3</sup>: o hílico, que também chamam da esquerda, que há de perecer inelutavelmente, pois não seria capaz de receber nenhum sopro de incorruptibilidade; o psíquico, que também chamam de direita, médio entre pneumático e hílico, que seria reduzido naquele para o qual se inclinará; e o pneumático, enviado para que unido ao psíquico, através de união, recebesse aqui embaixo a sua formação. De acordo com a compreensão dos gnósticos, este elemento pneumático é o sal e a luz do mundo. O psíquico precisava também de ensinamentos sensíveis e por esta razão foi formado o mundo e o Salvador veio ajudar este psíquico, dotado de livre-arbítrio, para salvá-lo (Ch I, 6,1).

O teólogo de Lião fala mais uma vez, segundo a concepção gnóstica, sobre o destino das três espécies de seres humanos: terrenos (hílicos), psíquicos e pneumáticos. O terreno acabará na corrupção. O psíquico se escolher o melhor, repousará no Intermediário, mas se escolher o pior, acabará com os seus semelhantes. Os pneumáticos que *Acamot* desde então põe como semente nas almas justas, são aqui educados, desenvolvidos, por serem emitidos bem pequenos, e após, feitos dignos de perfeição, serão dados em casamento aos Anjos que acompanham o Salvador, enquanto suas almas serão necessariamente refrigeradas no Intermediário com o *Demiurgo* eternamente (Ch I, 7,5).

As especulações e detalhes são mais complexos, não cabendo aqui explicitar mais do que foi exposto. Em todo caso, como apresenta Singles (2010, p. 22), na compreensão dos gnósticos:

<sup>3</sup> Elementos aqui está se referindo aos tipos de ser humano. Por exemplo o elemento hílico significa os seres humanos hílicos. Assim também os psíquicos e os pneumáticos.



*Apenas certo número de homens privilegiados estava destinado a chegar ao mundo divino, por conta de sua natureza de seres “espirituais”. Graças a um ato de iluminação pessoal e interior, esses privilegiados precisavam se conscientizar da presença de uma centelha divina dentro de si. Essa conscientização se traduzia em termos de conhecimento secreto ou ‘gnose’, conduzindo-os a descobrir que o verdadeiro princípio de sua existência é Deus. Nesse sentido, eles se viam como emanações neste mundo de uma fonte divina, o que explica o forte sentimento que tinha de ser homens exilados de sua verdadeira pátria, a pátria da plenitude divina.*

As narrativas sobre a criação do mundo e do ser humano vão na mesma linha que a escola dos valentinianos, como foi apresentado acima, e cada uma vai adaptando à sua própria escola. A questão é que a protologia gnóstica acerca do cosmos e do ser humano não é o que ensina a doutrina cristã. Disso também decorre a visão soteriológica dos gnósticos que é incompatível com a doutrina cristã. Para os gnósticos, trata-se de uma salvação apenas para os ‘eleitos’, para os ‘reservados’, para os ‘escolhidos’

Além disso, a compreensão da criação gnóstica, como se percebeu acima, é fruto do *Demiurgo*, um segundo “deus”. Este é fruto da parte decaída de *Acamot* ou *Sofia*, último Éon produzido no *Pleroma* que movido pelo desejo de ver o Éon que deu origem a tudo, decaiu-se, e de sua parte decaída, deu-se a origem da criação. Portanto, a criação gnóstica é fruto da parte decaída de *Acamot*.

Também para os gnósticos a matéria não é boa, ao contrário, é má. Fruto daquilo há de mais ruim em *Acamot*. Isso se verifica também no ser humano hílico ou ser humano terreno. Este é incapaz de alcançar a salvação. Aliás, a matéria é incapaz de alcançar a salvação. O próprio Ireneu deduziu que todas essas ideias dos gnósticos são espetáculo da fantasia, e ele mesmo refutará esses argumentos, apresentando a sua protologia com base na Escritura e na Tradição.

## 2 Protologia ireneana

### 2.1 Unicidade de Deus

Ireneu constrói uma protologia profundamente enraizada nos textos bíblicos. Ela foi construída e sistematizada como resposta às



complexas especulações gnósticas, que se fundamentavam em mitos e também no platonismo. Para Ireneu de Lião, o Deus criador não é um Éon de um vasto complexo e nem mesmo uma entidade do mal, como pretendiam os gnósticos. O Deus criador, para Ireneu, é um Deus único e bom (Maia, 2013, p. 132).

Para refutar os gnósticos, sua preocupação inicial é com a unicidade de Deus. Ele procura demonstrar que existe um único Deus e Criador, diferentemente da ideia dos gnósticos que diziam haver um Deus bom que é salvador, o Deus revelado por Jesus Cristo, e um “deus” mau que é o criador, o “deus” justo, o mesmo da Lei e dos profetas. Nessa confrontação com os gnósticos, Ireneu vai unir “a criação e a salvação do ser humano de um lado, e a liberdade da criação e a criação *ex nihilo*, de outro” (Sesboüé, 2003, p. 46). Na sua teologia, Ireneu comenta sobre a unicidade e unidade de Deus, afirmando em *Contra as heresias* que os apóstolos “transmitiram que há um só Deus, Criador do céu e da terra, anunciado pela Lei e pelos profetas, e um só Cristo, Filho de Deus” (*Ch III, 1,2*).

Nesta mesma perspectiva, em *Demonstração da Pregação Apostólica*, afirma que “é necessário admitir que existe um só Deus Pai, que criou e pôs em ordem o conjunto dos seres, e fez existir o que não existia e que, circunscrevendo o universo, é o único a não ser circunscrito” (*Dem. 4*). Assim, Ireneu afirma a existência de um único Deus; também que esse único Deus é o criador do céu e da terra; é o criador de todas as coisas. Segundo ele, “é necessário que as coisas criadas tenham por princípio uma qualquer grande causa, e o princípio de tudo é Deus. Ele não deriva de algo, enquanto por ele foi criado cada ser” (*Dem. 4*).

Esse Deus é o mesmo Deus que havia sido anunciado pela Lei e pelos profetas, ficando contestada a ideia de que existem dois princípios da criação, ou seja, dois deuses, e a ideia de que há um Deus do Antigo Testamento (AT) e um Deus do Novo Testamento (NT). Ireneu demonstra a continuidade entre AT e NT, afirmando que o Deus de Jesus Cristo é o mesmo que havia sido anunciado pela lei e pelos profetas, ou seja, o mesmo Deus do AT, como foi mencionado acima.

Para Ireneu, é central a afirmação do Deus Trino. Na sua luta contra a “falsa gnose”, insiste noutro aspecto da divindade, a identidade de um Deus único, Criador de todas as coisas e Pai do *Logos* que se revela na história. O teólogo de Lião não se preocupa muito em especular sobre as relações entre as pessoas da Santíssima Trindade, mas está seguro



que o Deus credível é o Deus Uno e Trino. A história da humanidade prova, pelo menos para os que creem nas Escrituras, a presença e também a manifestação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Além disso, os mesmos existem antes da criação do mundo e do ser humano (Fortes, 2014, p. 66-67).

Sobre o Deus Uno e Trino, Ireneu declara que a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a mesma fé “em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus” (*Ch I*, 10,1).

## 2.2 As “duas mãos” do Pai: a criação como obra trinitária

O teólogo de Lião designa o Filho e o Espírito Santo, de forma alegórica, como as “Duas Mãos” de Deus (Fortes, 2014, p. 67). Em face da separação gnóstica entre Deus criador e Deus salvador, Ireneu afirma de forma clara que a criação é iniciativa do Pai, por suas “Duas Mãos”: o Filho e o Espírito. Ireneu demonstra que existe um só Deus, em que tudo tem sua origem (Sesboüé, 2003, p. 46).

Ireneu de Lião assegura a unidade da obra da criação, e também da bondade essencial da realidade material, pois não existem dois princípios ou deuses últimos, mas apenas o Deus uno. Assim, a unidade da criação e da redenção (história e salvação) é uma prova da unidade e da singularidade de Deus, e vice-versa. Ele supera o perigo que foi percebido anteriormente pelos apologetas, da dualidade entre a criação e a história da salvação, que reduzia a teologia da criação a uma simples e superficial cosmologia monoteísta. Tendo em vista que, no princípio, pode ser encontrado o Deus que é uno e único, a criação e a redenção estão entrelaçadas como as duas fases do plano global de realização da salvação (Müller, 2015, p. 141).

Na reflexão de Ireneu de Lião, Deus cria o mundo, as coisas e o ser humano por meio de suas “Mãos”, ou seja, o Verbo (Filho) e a Sabedoria (Espírito), contra a concepção dos gnósticos que afirmavam que Deus cria o mundo por meio de anjos. Sobre isso, Gomes (1979, p. 125-126) afirma que:

*O Pai não precisava de anjos para criar o mundo e modelar o homem, em vista do qual criava o mundo; mas nem por isto estava desprovido*



*de ajuda para a fabricação das coisas a serviço da economia... Ele possuía um mistério de inefável riqueza, sendo assistido, em todas as suas obras por aqueles que são uma vez sua Progenitura e suas Mãos, a saber, o Filho e o Espírito, o Verbo e a Sabedoria, aos quais por sua vez ministram, submissos, todos os anjos.*

Assim, “é por seu Verbo e seu Espírito que faz tudo, ordena tudo, governa tudo, dá o ser a tudo. Ele não tem necessidade da mediação dos anjos nem de outros seres” (Sesboüé, 2003, p. 46). O Verbo e a Sabedoria modelaram todas as coisas com cuidado e carinho, estabelecendo-as como seres que têm sua própria consistência. Além disso, esse carinho não é interrompido com a realização de sua obra, pois na concepção de Ireneu, as “Mãos” de Deus continuam atuando pessoalmente com o fim de levar à perfeição sua obra criada até que se realize plenamente (Singles, 2010, p. 30). A respeito disso, diz o próprio Ireneu de Lião:

*Não foram os anjos que nos plasmaram – os anjos não poderiam fazer uma imagem de Deus – nem outro qualquer que não fosse o Deus verdadeiro, nem uma Potência que estivesse afastada do Pai de todas as coisas. Nem Deus precisava deles para fazer o que em si mesmo já tinha decretado fazer, como se ele não tivesse suas próprias mãos! Desde sempre, de fato, ele tem junto de si o Verbo e a Sabedoria, o Filho e o Espírito. É por meio deles e neles que fez todas as coisas, soberanamente e com toda a liberdade, e é a eles que se dirige, quando diz: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), tirando de si mesmo a substância das criaturas, o modelo daquilo que fez e a forma dos adornos do mundo (Ch IV, 20,1).*

Na citação acima, extraída de *Contra as heresias*, Ireneu apresenta vários pontos importantes para a presente reflexão. O primeiro é que Deus é suficiente para criar todas as coisas, por meio de suas “Mãos”; o segundo é que ele cria na liberdade; o terceiro é que ele tira de si mesmo a substância das criaturas; o quarto ponto é a criação do ser humano feito à imagem e semelhança de Deus.

O primeiro é que Deus é suficiente para criar todas as coisas, ou seja, não precisa da mediação de nada e nem de ninguém. Ele é suficiente, Ele mesmo se basta para criar. Essa suficiência de Deus, que cria com seu Filho e seu Espírito, serve, de um lado, para certamente acentuar seu poder, que não necessita de modo algum de intermediários. E, de outro lado, ressalta a dignidade da criação material, sobretudo a criação do ser humano, formado pelas “Mãos” divinas (Sesboüé, 2003, p. 46).



Sobre isso, diz o próprio Ireneu mais uma vez: “Deus, sem precisar de nada ou de ninguém, criou e fez todas as coisas pelo Verbo” (*Ch* II 2,4). E, “Ele não foi feito e não tem princípio nem fim, não precisa de ninguém, basta a si mesmo e, mais que isso, confere a existência a todos os outros seres” (*Ch*, III 8,3). Deus é princípio sem princípio. É o criador, mas é incriado.

O segundo ponto é que Deus cria livremente. Fica claro na reflexão ireneana que Deus não cria o mundo e o ser humano porque tinha necessidade do ser humano ou precisava de alguma coisa dele, mas o cria para externar o seu amor. Ele cria para compartilhar daquilo que tem, pois nele há um transbordar de sua ternura, de sua bondade e de seu amor sem limites. Desse modo, Deus cria na liberdade.

Segundo Müller (2015, p. 141), o objetivo da criação não é Deus produzir os seres humanos para se libertar de sua solidão ou se desenvolver do seu vazio à sua plenitude, mas os cria – ainda que não precise deles – para torná-los partícipes de suas boas ações. Além disso, o fundamento da criação é o amor de Deus que se entrega, que não tem pretensão de ganhar nada, mas deseja, sim, compartilhar da sua plenitude inesgotável. Aqui existe o dar-se, o doar-se livremente da parte de Deus. Na concepção de Müller, uma vez que, mediante a criação, Deus compartilha seu amor e seus bens, Ele mesmo se autocomunica com o ser humano e, por este motivo, a encarnação foi prevista antes da criação.

O terceiro ponto diz respeito à criação *ex nihilo*, isto é, a criação a partir do nada. Deus não se valeu de alguma coisa para criar, mas criou a partir dele mesmo. Ele pensou e quis, e as coisas foram criadas. “As próprias ideias da criação do mundo, ele as recebeu de si mesmo, sem necessidade de que algum outro lhes comunicasse” (Sesboüé, 2003, p. 46). Assim, ninguém lhe forneceu algo para criar, mas cria a partir de si.

Na concepção de Ireneu, o ser humano não pode criar nada *ex nihilo*, “porque os homens não podem fazer nada com nada, mas somente com matéria preexistente. Deus, porém, é superior ao homem porque cria a matéria da sua criação, que antes não existia” (*Ch* II, 10,4). Como se afirmou acima, Deus cria a partir de si, bastando-se a si mesmo para fazê-lo.

Em confronto com os gnósticos, Ireneu faz da bondade de Deus a origem da matéria informe, diferente da ignorância, o erro de um Éon. Ireneu diz que toda substância provém da bondade de Deus, mas não



se trata de uma substância material, mas daquilo que dá subsistência, o que sustenta todas as coisas. Ele é prudente e não explica com base em que Deus produziu essa primeira matéria, mas se contenta em dizer que a tira de si mesmo (Sesboüé, 2003, p. 47).

Para Ireneu, “os seres criados distinguem-se do Criador e os seres feitos daquele que os fez. Ele não foi feito e não tem princípio nem fim, não precisa de ninguém, basta a si mesmo e, mais que isso, confere existência a todos os outros seres” (*Ch. III 8,3*). Dessa forma, os seres criados, tiveram começo e podem ter fim, enquanto Deus é sempre o mesmo, pois não teve começo e nem terá fim. Aquele que é o Criador de todos os seres, “juntamente com o seu Verbo, é o único a ser chamado legitimamente Deus e Senhor, enquanto os seres criados não podem receber este apelativo nem se arrogar legitimamente este título, pois pertence exclusivamente ao Criador” (*Ch III, 8,3*).

Ainda contradizendo os gnósticos, Ireneu afirma que o mundo é essencialmente bom, como diz o Gênesis. É obra da sabedoria e do poder de Deus e não algo que foi tirado de um caos preexistente. Além disso, o que interessa não é a origem material e física do mundo, mas a ideia de que independente da origem, ele é expressão de um Deus que é livre. No entanto, lembra que a criação é radicalmente diferente do divino, como tudo o que se produz. Ela recebe sua coerência e unidade não em razão de uma degradação ou emanação do ser divino, mas do ato livre de Deus.

Ademais, a obra da criação ainda não chegou à plena realização, por isso não elimina notas erradas dentro de sua sinfonia. As tragédias naturais, que com frequência causam muito sofrimento ao ser humano, não devem ser atribuídas a um Deus vingador, a um Deus mau, mas a essas notas discordantes que, por vezes, perturbam o ser humano e o fazem sofrer, fazem parte desse processo em que a criação caminha para sua plena realização.

Portanto, nesse processo, Ireneu diz que o ser humano deve exercer sua inteligência diante do cosmos que caminha de acordo com as leis próprias. O ser humano também deve exercer seu senhorio sobre o mundo, pois Deus o criou para ele, ao passo que ele deve permanecer na atitude de fé que vê a inteligibilidade última do mundo em seu Criador.

Para Ireneu, o *porquê* e o *como* do cosmos serão revelados ao ser humano de forma progressiva em seu caminho para Deus. É na criação que o ser humano descobre e realiza a sua vocação e, desde o princípio,



sua vocação e salvação coincidem com o princípio do cosmos, que, por sua vez, já traz em si, mas de forma invisível, a presença daquele que certamente um dia se revelará na carne (Singles, 2010, p. 30-33). O Verbo que modelou o mundo, juntamente com o Espírito, deixa claro o vínculo existente entre criação e o mistério de Cristo.

Assim, percebe-se que, para Ireneu de Lião, a criação do mundo e de todas as coisas por Deus se deu por meio das “Mãos” do Pai, ou seja, o Verbo e a Sabedoria. Tendo sido criado, o mundo é o lugar feito para o ser humano habitar, e é no mundo que o ser humano realiza sua vocação: chamado à plena comunhão com Deus.

### 2.3 A criação do ser humano

Na protologia de Ireneu, percebe-se que Deus não criou o mundo porque é carente de ser, ou porque precisasse de alguma coisa da parte do ser humano. Ele criou para compartilhar os seus bens, criou porque seu amor transbordava. Também “no começo [...] não foi porque necessitasse do homem que Deus plasmou Adão, e sim para ter alguém no qual depusesse seus benefícios” (Gomes, 1979, p. 126).

Deus nunca foi carente de ser, nunca esteve só, não somente antes da criação de Adão, “mas antes de toda a criação, o Verbo glorificava o Pai, embora permanecendo n’Ele, e era glorificado pelo Pai, consoante a palavra: ‘Pai, glorifica-me com a glória que eu tinha junto de ti antes que fosse feito o mundo’ (Jo 17,5) (Gomes, 1979, p. 126).

O Gênesis menciona duas vezes a criação do ser humano: Gn 1,26<sup>4</sup>, como conclusão das obras, e Gn 2,7<sup>5</sup>, como o início e desenrolar da história. Sobre as duas narrativas literárias da criação, é preciso perguntar se elas:

*Respondem a uma mesma criação ou a duas distintas? No primeiro caso, havia apenas um homem criado por Deus. No segundo foram dois;*

<sup>4</sup> “Deus disse: façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,26-27) (Tradução da Bíblia de Jerusalém).

<sup>5</sup> “Então lahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7) (Tradução da Bíblia de Jerusalém).



*esses dois, são diferentes em espécie? O questionário está emaranhado de acordo com posições historicamente definíveis*<sup>6</sup> (Orbe, 1969, p. 8, tradução nossa).

Não se tem a pretensão de entrar na problemática discutida por várias correntes de pensamento e nem por vários autores, mas somente o essencial da argumentação exposta por Orbe, e nesta se encontrará a posição de Paulo, e conseqüentemente a de Ireneu que tem a sua reflexão na mesma linha que a de Paulo.

Orbe (1969, p. 12, tradução nossa) explica que “da dupla criação vem as duas naturezas paulinas (segundo Rm 7,22s)<sup>7</sup>: o homem interior, que se deleita na Lei, e o exterior, sensível ao cativo de seus membros sobre a lei do pecado”<sup>8</sup>. Assim, a alma (ser humano interior), feita à imagem de Deus, contrasta com o corpo (ser humano exterior) que é formado da terra. Desse modo, para Paulo, o ser humano se compõe, por esta via, de duas naturezas, e sua origem está nas ações divinas.

Paulo – e conseqüentemente Ireneu –, faz distinção entre o ser humano animal e espiritual, entre o terreno e o celeste, entre o primeiro Adão e o segundo Adão. No entanto, não atribui diferença de origem (divina) entre um e outro, atribuindo a criação do terreno a Gn 2,7 e a do celeste a Gn 1,26s, mantendo, desse modo, a lógica unidade do primeiro Adão, *feito e plasmado* à imagem do segundo, sem comprometer-se a definir a origem dele (Orbe, 1969, p. 15-16).

Ireneu aponta: “com o homem, feito pessoa animada, voltando-se ao mal, perdeu a vida, assim, ele, convertendo-se ao bem e recebendo o Espírito vivificante, reencontrará a vida” (*Ch V 12,2*). Ele compreende muito bem o contraste paulino entre o ser humano interior e o ser humano exterior e “o primeiro Adão, de corpo e alma, acusa uma constituição

<sup>6</sup> “¿responden a una misma creación, o a dos distintas? Em el primer caso, sólo hubo un hombre creado por Dios. Em el segundo fueron dos; y si dos, ¿diversos en especie? El cuestionario se enreda con arreglo a las posiciones, historicamente definibles” (Orbe, 1969, p. 8).

<sup>7</sup> “Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros” (Rm 7,22) (Texto a partir da bíblia de Jerusalém) (Rm 7,22s).

<sup>8</sup> “De la doble creación vienen las dos naturalezas paulinas (según Rom 7,22ss): el hombre interior, que se deleita em la Ley, y el exterior, sensible a la cautividad de sus miembros bajo la ley del pecado” (Orbe, 1969, p. 12).



terrena e animal, em conflito com a nota característica do segundo Adão, espiritual e celeste”<sup>9</sup> (Orbe, 1969, p. 16, tradução nossa).

Ainda para Ireneu, existe distinção, e até mesmo grande distância entre o ser humano do Gênesis e o segundo Adão. Semelhante intervalo entre o plasma e a alma é a diferença entre alma e espírito. E, a curta distância de tempo entre o plasma e a animação do primeiro ser humano, será maior entre a animação e o plasma na sua comunhão com o Espírito (Orbe, 1969, p. 16-17). Sobre a questão de quanto tempo leva para o ser humano receber o Espírito:

*O santo não o determina, contentando-se em apontar a ordem da economia humana [...]: a) primeiro, o plasma; b) em seguida, sua animação, que lhe constitui homem animal; c) por fim, a comunhão com o Espírito, que lhe faz homem espiritual*<sup>10</sup> (Orbe, 1969, p. 17, tradução nossa).

Diz o próprio Ireneu que “era necessário que o homem fosse primeiramente modelado e só depois recebesse a alma e somente depois recebesse a comunhão do Espírito” (Ch V 12,2). É o Espírito que vivifica o ser humano; aliás, o Espírito é o que há de divino no ser humano. Este é o motivo pelo qual o primeiro Adão foi feito alma vivente pelo Senhor e o segundo Adão foi feito Espírito vivificante (1Cor 15,46)<sup>11</sup> (Ch V 12,2).

Nesse sentido, o ser humano, criado por Deus através de suas próprias mãos, foi criado (modelado), depois recebeu o sopro de vida, e depois tal ser humano receberia também o sopro do Espírito que dá a vida. Segundo o teólogo de Lião, o ser humano é destinado a participar da vida divina, ou seja, foi criado para estar com Deus.

## Conclusão

É possível perceber que a protologia gnóstica é vasta, confusa e de difícil compreensão. Além disso, existem várias ramificações sobre a protologia gnóstica, porém, no presente artigo, foi apresentada a

<sup>9</sup> “El primer Adán, de cuerpo y alma, acusa una contitución terrena y animal, em pugna com la nota característica del segundo Adán, espiritual y celeste” (Orbe, 1969, p. 16).

<sup>10</sup> “El Santo no la determina, contento com apuntar el orden de la economia humana [...]: a) primero, el plasma; b) luego, su aniación, que le contituye ‘hombre animal’; c) por fin, la comunión del Espíritu, que le hace ‘hombre espiritual’” (Orbe, 1969, p. 17).

<sup>11</sup> O texto paulino é: “Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida” (1Cor 15,45) (Tradução da Bíblia de Jerusalém).



concepção gnóstica dos valentinianos. A partir desta concepção, muitas outras foram influenciadas por ela, como no caso do *Pleroma*, que é uma espécie de esfera divina que é composto pelos Éons que têm origem num Éon, insondável, Pai de todos os outros. O último Éon sente o desejo de conhecer o primeiro Éon e acaba se perdendo no infinito. Da parte passional<sup>12</sup> desse último Éon chamado *Sofia* é que se terá origem todas as coisas existentes.

Ireneu de Lião, no seu ensinamento sobre a criação, fala da unidade e unicidade de Deus, rebate os gnósticos dizendo que Deus tirou de si mesmo os elementos da criação. Não se serviu de anjos, mas de suas ‘Duas Mãos’: o Verbo e o Espírito. As ideias da criação Deus tirou de si mesmo, e não precisou, portanto, da cópia de algum outro lugar. Deus também criou o ser humano da terra virgem, pois não havia chovido ainda, e misturou na terra um pouco de sua potência e soprou o hálito da vida sobre o ser humano. Dispôs todas as coisas para que o ser humano pudesse cuidar. A narrativa da criação de Ireneu é muito otimista.

Diante de certas correntes, tendências e até mesmo espiritualidades que defendem uma fuga do mundo, a partir do pensamento do teólogo de Lião, fica claro que não há necessidade de fugir deste mundo, pois ele é bom porque é obra do próprio Deus. Deus pensou e criou este mundo para Ele mesmo, por meio de seu Verbo, vir habitar.

## Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi; Trad. dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Trad. Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FORTES, J. J. *Credibilidade do cristianismo no Adversus Haereses de Ireneu de Lião*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 2014.

GOMES, C. F. *Antologia dos Santos Padres*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

<sup>12</sup> Que sofreu a paixão ou parte decaída de *Sofia*.



HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de. *A salvação do homem na obra Adversus Haereses de santo Irineu: um confronto de mentalidades*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte – MG: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2012.

LAYTON, B. *As escrituras gnósticas*. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2002.

LIÃO, I. de. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

LYON, Irineu de. *Demonstração da pregação apostólica*. Trad. Ari Luis do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014.

MAIA, Geraldo dos Reis. *A soteriologia ireneana e seu influxo na constituição Gaudium et spes como relevância para a acolhida da salvação na Alta Modernidade*. Tese de Doutorado. Roma – Itália: Pontificia Universidade Gregoriana – Faculdade de Teologia, 2013.

MORESCHINI, C. *História da filosofia patrística*. Trad. Orlando Soares Moreira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MÜLLER, Gerhard L. *Dogmática Católica: teoria e prática da Teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ORBE, A. S. I. *Antropologia de San Ireneo*. BAC – Biblioteca de Autores Cristãos, 1969.

SILVA, Maycon Renan da. *A relação Logos e sarx no Prólogo de João e a sua contribuição para a teologia da encarnação em Ireneu de Lião*. 2017. 138f. Dissertação de mestrado. Pontificia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2017.

SESSBOUÉ, Bernard. *História dos dogmas: o Deus da salvação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. (Tomo 2).

SINGLES, D. *A glória de Deus é o homem vivo: a profissão de fé de santo Irineu*. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2010.